

SALETE DA APARECIDA DA SILVA

**A EDUCAÇÃO E O TRABALHO: CONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO  
DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação do Campo da Universidade Federal do Paraná. Como requisito parcial para obtenção do grau de especialista.

Profª Orientadora: **Adriana Lucinda de Oliveira**

MATINHOS

2011

## A EDUCAÇÃO E O TRABALHO: CONSTITUIÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Salete da Aparecida da Silva<sup>1</sup>;

Adriana Lucinda de Oliveira<sup>2</sup>.

Resumo: Esse texto visa observar a importância da relação entre Educação e Trabalho, visto que são fatores importantes para a constituição da formação da escola do campo. A Educação do Campo foi pensada e gerada, assim dizendo, para contrapor esse sistema atual de educação, sendo que, ela une o ensino sistematizado com as práticas cotidianas do homem do campo, ou seja, com o trabalho, pois toda a relação do homem com a natureza é um fator social e educativo, tornando o sujeito um ser emancipado e ciente dos seus atos perante a sociedade em que está inserido. Por esses fatores é que se torna importante reconhecer o papel da escola do campo e sua função social no seu âmbito de abrangência.

Palavras-chave: trabalho, educação, campo.

Abstract: This paper aims to observe the importance of the relationship between education and work, since they are important factors for the formation of the field school training. The Rural Education was conceived and created, so to speak, to counteract the current system of education, where she joins the systematic teaching with the daily practices of the countryside, or to work, because every man's relationship with nature is a social and educational factors, making the subject an emancipated and be aware of their actions before society in which it appears. For these factors is that it is important to recognize the role of schools in the countryside and its social function within its scope.

Keywords: work, education, field.

---

<sup>1</sup> Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo – Projovem Saberes da Terra, Universidade Federal do Paraná - Litoral, e-mail: salete1944@hotmail.com

<sup>2</sup> Educadora Orientadora, UFPR Litoral, e-mail: adriana17@ufpr.br

## INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade pode-se constatar que a escola e educação sempre foram direito de poucos. As escolas foram criadas para atender aos filhos da burguesia, pois eles tinham poder aquisitivo para estudar e precisavam dominar o conhecimento. Já os menos favorecidos, sempre foram excluídos desse processo de aprendizagem, mesmos os professores dos filhos da classe burguesa eram vistos de forma inferiorizada, muitos destes trabalhavam em troca de casa e comida, assim como os escravos das grandes fazendas aqui no Brasil.

Ao observar a escola no Brasil, percebe-se que ela passou por várias mudanças. Até o fim do século XIX poucos tinham liberdade e condições para estudar, mas com o passar do tempo os detentores do poder sobre a educação perceberam que era necessário que a classe dos trabalhadores tivesse o mínimo de conhecimento para poderem manusear as máquinas, que eram o auge da época. Assim foram criadas novas escolas, oportunizando a educação para uma grande massa de pessoas, seguindo a lógica da educação capitalista, pois

a educação tornou-se uma peça do processo de acumulação de capital e de estabelecimento de consenso que torna possível a reprodução do injusto sistema de classes. Em lugar de instrumento de emancipação humana, agora é mecanismo da perpetuação e reprodução desse sistema. (Mészáros, pág. 15, 2005)

E essa lógica se perpetuou ao longo dos anos do século XX até ao nosso século. Após a metade do século XX muitas pessoas já estavam estudando, claro que nos moldes da educação bancária, que era voltada aos interesses da classe burguesa, ou ainda, era a educação que segundo Paulo Freire mantinha a contradição entre educador-educando. A educação foi pensada de forma urbana (Educação Urbana), propiciando aos seus educandos a terem contanto com sua prática social da cidade, o que fixaria melhor os conteúdos. Esta mesma educação

foi repassada para o campo, porém não levaram em conta que, para os educandos do campo também deveria ser pensada uma educação relevante com suas práticas sociais, desse modo, foi intitulada essa educação como Educação Rural, que seguia o padrão do sistema educacional que era empregado em áreas urbanas para a áreas rurais. A mesma diferencia-se da Educação do Campo, que foi assumida por alguns movimentos sociais, ONGs, universidades e prefeituras, que estiveram em Porta Barreiro no ano de 2000, dialogando sobre uma educação que contrapusesse a educação capitalista e assinaram a carta de Porto Barreiro oficializando o compromisso para a implementação dessa educação, que visava a educação de qualidade para o Campo. Essa educação foi pensada e refletida a partir da prática social do indivíduo que vive no campo, para que ele tenha o conteúdo sistematizado escolar junto com sua prática de vivência, ligando o ensino e o trabalho, ambos andando lado a lado, tornando o ensino mais concreto e significativo para ele (Carta de Porto Barreiro, 2000). Também esse ensino visa dar ao educando do campo mais autonomia em sua prática escolar, pois o mesmo tem como objetivo formar cidadãos pensantes e atuantes na sociedade, aprendendo a criticar e ser criticado, a aprender e a ensinar, como cita Caldart “Nossos crianças, nossos jovens, nós precisamos ser educados como trabalhadores, para sermos trabalhadores que vão transformar o conjunto da sociedade. Se não for assim, a luta vai pela metade.” (pág. 89, 1994). E dessa forma entende-se que a Educação do Campo traz uma nova proposta de ensino, onde a educação está direta e indiretamente ligada ao trabalho, mas não apenas como formação de mão-de-obra para o mercado, e sim como o princípio de trabalhar e aprender.

E com base na carta de porto barreiro de 2000, que debate a questão educacional em uma perspectiva voltada a questão do homem do campo surgiu-se em 2005 O PROJOVEM CAMPO – Saberes da Terra, que é um programa dirigido a escolarizar jovens e adultos do campo, que ao longo da história foram ignorados, ou, esquecidos pelo sistema educacional. É um programa de ensino regular acoplado

com ensino profissionalizante, pois além das disciplinas convencionais e básicas, como matemática, português, história, geografia, entre outras, há também o acompanhamento de um técnico.

Os educandos que iniciaram suas práticas escolares no PROJOVEM perceberam que o mesmo trouxe consigo uma nova proposta de ensino, sendo que este é regido pelos princípios da Educação do Campo. Esse método de aprendizagem é diferente do oferecido pelas instituições educacionais de forma regular, pois em sua maioria seguem o sistema educacional capitalista, ou seja, o educando nesse sistema aprende técnicas para a formação de mão-de-obra barata, e isso é o contrário do que é empregado pelos princípios da Educação do Campo, pois nesse sistema os educandos aprendem a ser autônomos e participantes como protagonistas dela e não apenas como figurante.

É interessante perceber a relação que ocorre por meio dessa educação que é seguida pelo trabalho, trabalho este educativo, onde o educando aprende trabalhando e trabalha aprendendo.

Um dos fatores relevantes de projeto é a divisão entre Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC), ou seja, há momentos que os alunos apreendem o conhecimento em sala e em outros momentos com a visita do técnico eles apreendem o conhecimento em seu maior objeto de trabalho, que é a terra. E é nesse momento é que a teoria e a prática se relacionam, entram em contradições e materializam, de forma que os educandos consigam absorver e reter conhecimento de forma concreta e não abstrata como vem sendo desenvolvido no ensino regular.

O Colégio Estadual Santa Luzia, que está situado no Assentamento Vitória, no município de Lindoeste no Paraná, e aderiu a esse programa de ensino (PROJOVEM CAMPO) em 2010. O período desse ensino no colégio acontece durante a noite, pois todos os educandos desenvolvem suas atividades de trabalho diário ao dia, o que limitava o oferecimento dessas aulas em outros períodos além do noturno. A turma iniciou com aproximadamente 25 educandos, com idade entre

18 e 50 anos, porém pelas condições de tempo e transporte em dias de chuva e pelo excesso de trabalho em seus lotes alguns não freqüentam com regularidade o curso, e sabemos que isso seria uma barreira que deveríamos enfrentar, mas não desanimamos. E notamos que o programa veio auxiliar muitos educandos em suas propriedades, como diz o educando Roberto,

Muitas vezes pensamos em deixar o campo por não vermos outra oportunidade para desenvolver nossos trabalhos. Pensamos que seria mais fácil trabalhar na cidade, mas hoje isso mudou, aprendemos muito com nossos educadores e também com nosso trabalho e temos por convicção que a terra é um bem o qual devemos trabalhar e produzir nossa existência.

Com essa fala, podemos destacar alguns elementos que constituem a educação do campo. Em primeiro lugar a expressão usada pelo educando [...] “aprendemos muito com nossos educadores e também com o nosso trabalho” [...]. Percebe-se que o trabalho como princípio educativo se efetua na prática, e que o ensino mediado pelos educadores faz parte desse processo. E na fala como um todo, é explicitado a condição limitada do camponês em sua materialidade de trabalho, a terra, o campo; também, a dificuldade do camponês em permanecer no campo pela falta de incentivo e condições mínimas de trabalhar com a terra, pois ninguém roça sem ter aprendido como se faz e lhe oferecido seu instrumento de trabalho, nesse caso a foice.

Outro fato importante foi destacado na entrevista com a educanda Lurdes de Godois, que diz:

Somos frutos dessa terra, escolhemos dela viver, por isso temos de aprender como utilizá-la sem que ela sofra ou morra. Por isso, foram boas as aulas sobre o ensino da produção agroecológica, assim, aprendemos técnicas que ajudam nosso trabalho no campo sem que a terra seja prejudicada e nem as plantas que nela estão. Dessa maneira podemos produzir alimentos de qualidade para nós e para as pessoas que moram na cidade.

A educanda ressalta que aprendeu utilizar a terra sem que ela sofra as ações do homem com tanta intensidade, lembrando que assim os alimentos podem ser

produzidos com qualidade para todas as pessoas. Desse modo, visualizamos a importância do PROJÓVEM para os educandos. E também para os educadores do projeto como o educador Juliano Schneider que diz,

É muito interessante o processo educacional que foi desenvolvido nesse projeto, visto que eu não havia atuado em escolas de campo fiquei admirado em perceber que as pessoas, mesmo com todos os afazeres da labuta do campo, vêm para a escola com dedicação e mostram interesse em aprender, assim como eu pude aprender com eles, pois os educandos têm conhecimento espontâneo que se entrelaçam com os saberes científicos, o que ajuda na assimilação dos conteúdos.

Nessa fala, o educador enaltece o conhecimento camponês, afirmando o quanto as pessoas podem se desenvolver e aprender na escola e longe dela, pois o trabalho também auxilia o conhecimento.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho podemos observar e analisar o quanto a escola do campo compartilha da realidade de seus educandos com os conhecimentos que são mediados por ela, visto que educandos e educadores trabalham a partir de uma temática em comum, ou seja, a terra e os sujeitos que dela vivem. Com isso, as aulas são mais instigantes e produtivas no sentido que os educandos se sentem como sujeitos da história e não um apêndice dela.

E quanto ao PROJÓVEM CAMPO percebemos o quanto ele é de suma importância para os agricultores, pois muitos ainda carregam conceitos errôneos sobre o campo, crendo que não existe mais solução para o povo camponês, mas isso mudou quando os próprios educandos perceberam que o que lhes faltavam era mais ajuda em conhecer as técnicas de produção e como lidar com o objeto

fundamental de seu trabalho, a terra. Também observamos que o PROJOVEM não supre todas as necessidades dos educandos que frequentam o projeto, porém vimos que o mesmo auxilia os educandos em suas práticas diárias de trabalho e de ensino aprendizagem.

O PROJOVEM CAMPO reforça uma prática de ensino diferenciada e pensada para muitos sujeitos do campo, e a partir dele esperamos que, tanto educandos quanto educadores, continuem a ensinar e aprender concomitantemente, nunca esquecendo que são sujeitos da terra e que dela são constituídos.

E por fim, eu, como assentada e professora do Colégio Estadual Santa Luzia, conhecedora dos princípios da Educação do Campo e de seus autores como Roseli Caldart, me sinto privilegiada por dar aula no Projovem, visto que este projeto veio a me reavivar e auxiliar em meus projetos da área da educação, em outras palavras, o Projovem foi e é adubo para eu pensar e repensar a Educação do Campo em minha escola.



## REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo: notas para uma análise de percurso.** Notas iniciadas a propósito do II encontro nacional de pesquisa sobre Educação do Campo. 8 de Agosto de 2008. Publicação janeiro de 2009.

CADERNO DE EDUCAÇÃO Nº13. **Dossiê MST Escola – Documentos e Estudos 1990-2001.** 1ª Ed. Curitiba – PR, 2005.

CARTA DE PORTO BARREIRO, 2000. <http://gepppec.blogspot.com/2010/08/carta-de-porto-barreiro.html>

MÉSZAROS, Istvan. **Educação Para Além do Capital.** Editora Boitempo, 2005.